

1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín, 2019.

MOVIMIENTO SOCIAL FEMINISTA: BIOGRAFIAS DE ATIVISTAS NA CIDADE DE PELOTAS/BRASIL.

Cardoso, Adriana Lessa. y Silva, Márcia Alves da.

Cita:

Cardoso, Adriana Lessa. y Silva, Márcia Alves da. (2019). *MOVIMENTO SOCIAL FEMINISTA: BIOGRAFIAS DE ATIVISTAS NA CIDADE DE PELOTAS/BRASIL. 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín.*

Dirección estable:

<https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1250>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRUe/f7C>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Movimento social feminista: biografias de ativistas na cidade de Pelotas/Brasil

Adriana Lessa Cardoso

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas
PPGE/UFPEL.

adrianalessacardoso@gmail.com

Márcia Alves da Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas
PPGE/UFPEL.

profa.marciaalves@gmail.com

Resumo

O estudo busca refletir sobre biografias de ativistas feministas na cidade de Pelotas, RS/Brasil. Essas mulheres foram precursoras no fortalecimento político e democrático do país, em suas ações locais. Entendemos que os movimentos sociais estão fortemente amalgamados com a educação, especialmente em sua dimensão política. Utilizamos o referencial feminista descolonial, enquanto perspectiva vinculada à resistência ao sistema capitalista mundial globalizado. A metodologia utilizada é de cunho biográfico. As mulheres colaboradoras com este estudo contribuíram para a criação de espaços institucionalizados de ativismo. Na análise deste estudo destacaram-se as categorias ativismo feminista, interseccionalidade, divisão sexual do trabalho, empoderamento social e violência doméstica. Como resultados, ressaltamos a importância das epistemologias feministas descoloniais para aprender e conhecer a história das mulheres que colaboraram na construção do movimento feminista em prol dos direitos das mulheres. E, ainda para visibilizar outras práticas feministas, onde as mulheres latino-americanas aparecem como protagonistas. Também destacamos o empoderamento social das colaboradoras da pesquisa, pois são mulheres que se relacionam cotidianamente com as desigualdades sociais, trabalham, dialogam com outras mulheres em situação de vulnerabilidade, e expressam consciência crítica na atuação nos movimentos sociais para uma educação transformadora.

Palavras-chave: Feminismo descolonial; ativismo; biografias; educação transformadora.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

O estudo busca refletir sobre biografias de ativistas feministas na cidade de Pelotas, RS/Brasil, essas mulheres foram precursoras no fortalecimento político e democrático do país, em suas ações locais, contribuíram para a criaram de grupos feministas nos anos 1980 e visibilizaram diversas formas de opressões sexistas, patriarcais, de classe e raça da nossa sociedade. Maria da Glória Gohn, entende que a educação não formal busca uma leitura de mundo crítica que possibilite o protagonismo, emancipação e autonomia dos sujeitos (Gohn, 2010).

Entendemos que os movimentos sociais estão fortemente amalgamados com a educação, a educação aqui vista como um ato político. Pretendemos realizar uma compreensão de educação mais ampla que abranja também os espaços de aprendizagens e produção de saberes dos movimentos sociais, especificamente o movimento feminista.

A aprendizagem de conteúdos que possibilite aos indivíduos fazer uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor é fundamental na educação não formal; a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para soluções de problemas coletivos cotidianos, gerados pela participação em associações, movimentos, fóruns, conselhos (GOHN, 2010, p. 35).

Essa concepção de educação contribui para um novo paradigma, que não se restringe a um pensamento apenas acadêmico, considera as experiências e subjetividades, produzindo assim um campo diferenciado de conhecimento. Utilizamos o referencial feminista descolonial, enquanto perspectiva vinculada à resistência do sistema capitalista mundial globalizado. A escolha desta perspectiva se justifica pela necessidade de romper com o paradigma moderno eurocêntrico, e as formas de opressão classista, sexista, racista, heteronormativas que são omitidas desse paradigma que se intitula como superior e hegemônico.

Desse modo, buscamos nossas bases teóricas especialmente nas autoras (Saffioti, 2013), (Curiel, 2007), (Gohn, 2010), (Ríos, 2015), (Collins, 2012), e (hooks, 2019), (Hirata, 2002), entre outras, para discutir e resistir a condição histórica opressiva das mulheres, em relação a classe social, gênero, raça, divisão sexual do trabalho e empoderamento social. A metodologia utilizada é de cunho biográfico, Delory-Momberger define o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos (Delory-Momberger, 2012). As narrativas biográficas são de mulheres que contribuíram para a criação de espaços institucionalizados de ativismo, como o Conselho Municipal da Mulher, Grupo Autônomo de Mulheres Pelotas - GAMP, União Brasileira de Mulheres – UBM e também contribuíram abrindo espaços de discussões feministas nos sindicatos, partidos políticos e nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica.

De acordo com Patrícia Hill Collins (2012), a interseccionalidade antes de ser um projeto de conhecimento científico se apresenta como um projeto de justiça social, autonomia e emancipação. Compreender as múltiplas opressões de classe, raça, gênero, idade, sexualidade, nacionalidade entre outras, possibilita uma outra maneira de atuar no social. Desse modo, a interseccionalidade é narrada por duas de nossas colaboradoras, Rosa por experienciar a condição de mulher negra e pobre, e Cláudia, por testemunhar determinados padrões racistas nos espaços escolares, onde trabalha como professora. Rosa e Cláudia, aprenderam sobre negritude e a tripla opressão na prática e nas rodas de conversa dos movimentos sociais, destacando a importância dos espaços formativos e de uma educação crítica, emancipadora e interseccional.

Saffioti (2013) considera que a sociedade capitalista se organizou a produzir mais-valia principalmente das mulheres, neste caso, produzindo a intensificação da divisão sexual do trabalho. As mulheres possuem uma jornada de trabalho intensificada (doméstico e o remunerado), salários mais baixos que os homens. Hirata (2002), afirma que o processo de urbanização intensificou a precarização do trabalho, levando muitas mulheres à condição de dependência do provedor e uma grande parcela que não contava com o provedor, ficavam a margem do mercado em situação de pobreza e ocupando postos de maior precarização.

As colaboradoras da pesquisa entendem que não há empoderamento social sem autonomia financeira, e que nem todas as mulheres possuem autonomia, tendo em vista a desigualdade social no país e a crescente onda de flexibilização, precarização do trabalho e desvalorização de políticas públicas para uma economia solidária. Em seus relatos dão a entender a articulação do trabalho remunerado e violência, ao dizer que violência doméstica ocorre em todas as classes sociais, contudo, as mulheres pobres, principalmente as que vivem em situação de vulnerabilidade social, desemprego ou trabalho precarizado têm mais dificuldade de sair do ciclo da violência doméstica,



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

portanto a classe social se apresenta como categoria central para superar desigualdades e conseqüentemente as violências patriarcais. (Berth, 2018), destaca a importância de consolidar políticas públicas como o bolsa família, já que o sistema neoliberal promove a desigualdade social e as mulheres estão mais vulneráveis.

As colaboradoras entendem que lutar sozinhas por igualdade de gênero é muito difícil, mas em conjunto organizadas em grupos, e no Conselho Municipal da Mulher conseguem estabelecer alguns diálogos e metas para cobrar das/os gestoras/es algumas medidas necessárias para a proteção das mulheres. Por exemplo, Sofia uma das colaboradoras, trabalha juntamente com a Comunidade Eclesial de Base da Igreja Católica em um bairro com altos índices de vulnerabilidade social e faz formação com mulheres para geração de renda com artesanatos.

Maria, indentificando-se com uma professora universitária marxista comunista, busca articular teoria e prática. Destacou a preocupação com a formação das militantes, para ela, há uma necessidade urgente de compreender gênero e o feminismo em seu sentido progressista e de transformação de mundo. Considera que a militância só será efetiva ao aproximar-se dos estudos teóricos feministas da luta de classe, pondera que não basta denunciar, mas atuar efetivamente para consolidar políticas públicas para as mulheres, que são mais vulneráveis ao sistema capitalista neoliberal.

Como resultados, ressaltamos a importância das epistemologias feministas descoloniais para aprender e conhecer a história das mulheres que colaboraram na construção do movimento feminista em prol dos direitos das mulheres. E, ainda para visibilizar outras práticas feministas, onde as mulheres latino-americanas aparecem como protagonistas. Também destacamos o empoderamento social das colaboradoras da pesquisa, pois são mulheres que se relacionam cotidianamente com as desigualdades sociais, trabalham, dialogam com outras mulheres em situação de vulnerabilidade, e expressam consciência crítica baseada na atuação nos movimentos sociais para uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS

Berth, J. (2018). *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

- Collins, P. H. (2012). Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. Em M. Jabardo, *Feminismos negros: una antología* (pp. 99-136). Madri: Traficantes de Sueños.
- Curiel, O. (2007). Crítica pós-colonial desde las practicas politicas del feminismo antirracista. *Revista Nómadas*, 92-101.
- Delory-Momberger, C. (2012). A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectiva metodológicas. Em M. H. Abrahão, & M. d. Passeggi, *Pesquisa (auto)Biográfica temas transversais: dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica - Tomo I* (pp. 74-93). Porto Alegre: EDIPUC.
- Gohn, M. d. (2010). *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez.
- Hirata, H. (2002). *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- hooks, b. (2019). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ríos, M. L. (2015). *Los Cautiveiros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Siglo XXI Editores.
- Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular.